

Austeridade consegue fazer do Rio Grande do Sul uma exceção

MARCELLO VILLAS-BOAS

POR **TOMAS** — Depois de um período em que viveu em "economia de guerra", com a máxima contenção de despesas, o Rio Grande do Sul terá, nos próximos 12 meses, US\$ 1 bilhão para novos investimentos. Este é o resultado de uma política posta em prática desde o primeiro dia da administração do Governador Pedro Simon (PMDB), seguindo um princípio básico, estabelecido por ele: "O Estado não gastará centavo algum além daquilo que arrecadar".

Se nos primeiros anos de Governo, esta política trouxe impopularidade ao Governador Pedro Simon, hoje, ela representa até elogios inesperados de adversários tradicionais. Há duas semanas, o Líder do PFL na Câ-

mara, José Lourenço, afirmou que o Presidente Sarney deveria dispensar um melhor tratamento ao Rio Grande do Sul, único Estado que conseguiu sanear suas finanças e capacitar-se, com recursos próprios, a realizar investimentos.

— Não há milagre algum nisso — explica o Secretário da Fazenda, José Ernesto Pasquotto, responsável, desde o início do Governo, pela política adotada, embora ainda não fosse titular do cargo.

As medidas mais importantes, segundo Pasquotto, foram a não concessão de empréstimos, seja para cobrir despesas de custeio, como para pagar funcionários; o pagamento de parte da dívida pública; a renegociação de outra parte e a alteração completa de seu perfil, de modo a não comprometer a receita.



Secretário José Ernesto Pasquotto